

A SUSTENTABILIDADE NA PERSPECTIVA DA RELAÇÃO OPRESSOR-OPRIMIDO

SHEILA CECCON³

RESUMO

Este artigo estabelece relações entre os princípios filosóficos, políticos e pedagógicos de Paulo Freire e a educação ambiental crítica, provocando reflexões sobre a relação opressor-oprimido apresentada no livro *Pedagogia do Oprimido* e a relação entre o sistema capitalista e o planeta. Apresenta o planeta como o maior dos oprimidos.

PALAVRAS-CHAVE

Pedagogia freiriana, educação ambiental crítica, pedagogia do oprimido.

3. Engenheira agrônoma, especialista em Horticultura pela Universidade de Pisa-Itália, mestre em Ensino e História de Ciências da Terra pelo Instituto de Geociências da UNICAMP-SP. Atua na área de meio ambiente e educação. No Instituto Paulo Freire coordena a Unifreire, espaço de produção e publicização de conhecimentos fundamentados pelos princípios freirianos, e é responsável pela dimensão socioambiental das assessorias e projetos desenvolvidos. Representa o Instituto Paulo Freire nos Conselhos Internacionais do Fórum Social Mundial e do Fórum Mundial de Educação.

ABSTRACT

This article establishes relations between the philosophical, political and pedagogical principles of Paulo Freire and critical environmental education, provoking reflections on the oppressor-oppressed relationship presented in the book Pedagogy of the Oppressed and the relation between the capitalist system and the planet. It presents the planet as the greatest of the oppressed.

KEY WORDS

Freirean pedagogy, critical environmental education, pedagogy of the oppressed.

INTRODUÇÃO

Paulo Freire não dedicou nenhuma de suas obras explicitamente à educação ambiental ou à sustentabilidade, entretanto, não são poucas as contribuições que encontramos em seus escritos relacionadas à educação ambiental crítica, politizadora e comprometida com a transformação das pessoas e do mundo. Sua obra trás princípios filosóficos, políticos e pedagógicos que fortalecem a importância da formação de sujeitos que valorizam a vida, em todas as suas formas, e que respeitam a si mesmos, aos outros e ao mundo. Cidadãos/ãs cujas práticas diárias são intencionais, impregnadas de sentido, que percebem a inter-relação existente entre as atitudes individuais e os impactos socioambientais locais, regionais e planetários. Pessoas que não se contentam em agir individualmente de forma responsável, mas ocupam os espaços de participação social buscando contribuir para a transformação de atitudes de tantos outros sujeitos. Homens e mulheres que exercem ativamente sua cidadania, acreditando na possibilidade de transformar a realidade tornando-a mais justa e mais feliz.

A importância da formação desses sujeitos, que se posicionam frente a realidade não se deixando enredar pela massificação de comportamentos tão comum em nossa sociedade, que nos faz abrir mão do direito a decidir o que queremos ser ou fazer, foi explicitada por Paulo Freire já na década de 1960, em seu livro *“Educação como Prática da Liberdade”*. Nele, Freire dizia que uma das grandes, se não a maior, tragédia do homem moderno, está em que é hoje dominado pela força dos mitos e comandado pela publicidade organizada, ideológica ou não, e por isso vem renunciando cada vez mais, sem o saber, à sua capacidade de decidir. (FREIRE, 1967 p. 51). Hoje, cinco décadas depois, nos percebemos claramente reféns da “publicidade organizada”, que vem decidindo por nós muitas de nossas ações, manipulando corações e mentes, incentivando o consumo, determinando desejos e opiniões.

Pouco depois, quando escreveu o livro *“Pedagogia do Oprimido”*, Paulo Freire afirmou que

a educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente de homens. A reflexão que esta educação propõe, é sobre os homens e sua relação com o mundo. (FREIRE, 2003, pg. 70)

Parto dessa reflexão contida no livro *Pedagogia do Oprimido* para desenvolver o presente artigo. Busco problematizar as relações da humanidade e da sociedade contemporânea com a Terra.

TERRA E HUMANIDADE: RELAÇÃO VISCERAL

A relação da humanidade com a Terra é mais “vital” do que a relação entre um morador e sua casa. Basta refletirmos sobre o que compõe nosso corpo, nossos músculos e sangue. A água que corre nos rios e oceanos e compõe o corpo de todos os outros animais, é a mesma água que corre em nossas veias, que constitui 70% do nosso corpo. Os mesmos elementos químicos existentes no nosso sangue, o ferro, o potássio ou o cálcio, por exemplo, têm sua origem na terra, no solo que produz os alimentos que ingerimos. As verduras, legumes e frutas que comemos, por exemplo, nos permitem incorporar minerais extraídos pelas plantas do solo onde cresceram. O ar que enche nossos pulmões é o mesmo ar que oxigena todos os animais e plantas.

Nessa perspectiva, **somos Terra**. Ela é mais que nossa casa, nos confundimos com ela. Quando a Terra adocece, adoecemos junto. Temos, indubitavelmente, um destino comum, como já preconizava a Carta da Terra em 1999, quando foi concluída. No período de seu lançamento, em março de 2000, Leonardo Boff escreveu:

A Carta da Terra⁴ parte de uma visão integradora e holística. Considera a pobreza, a degradação ambiental, a injustiça social, os conflitos étnicos, a paz, a democracia, a ética e a crise espiritual como problemas interdependentes que demandam soluções includentes. Ela representa um grito de urgência face às ameaças que pesam sobre a biosfera e o projeto planetário humano. Significa também um libelo em favor da esperança de um futuro comum da Terra e da humanidade.

O mesmo autor, no livro “Ecologia - Grito da Terra, grito dos pobres”, afirma que o sonho do crescimento ilimitado produziu o subdesenvolvimento de dois terços da humanidade e, ao mesmo tempo, a cobiça desmedida na utilização dos recursos da naturais levou à extorsão dos sistemas vitais e à desintegração do equilíbrio ambiental. Nesse sentido, diz que tanto a Terra como dois terços dos seres humanos estão doentes e sangram perigosamente. (BOFF, 1996)

A percepção da Terra e da humanidade como organicamente integradas, nos provoca a refletir sobre a relação da sociedade contemporânea com o planeta sob a perspectiva das relações sociais, de domínio e submissão, de exploração e subjugação.

A TERRA: UM GRANDE OPRIMIDO

Entender que a humanidade integra a Terra, que ambos sofrem com a “*cobiça desmedida*” citada por Leonardo Boff no trecho destacado anteriormente, e que essa ação avassaladora da humanidade em relação ao planeta é praticada em decorrência da opção por um modelo de desenvolvimento social e econômico

4. <http://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/agenda-21/carta-da-terra>

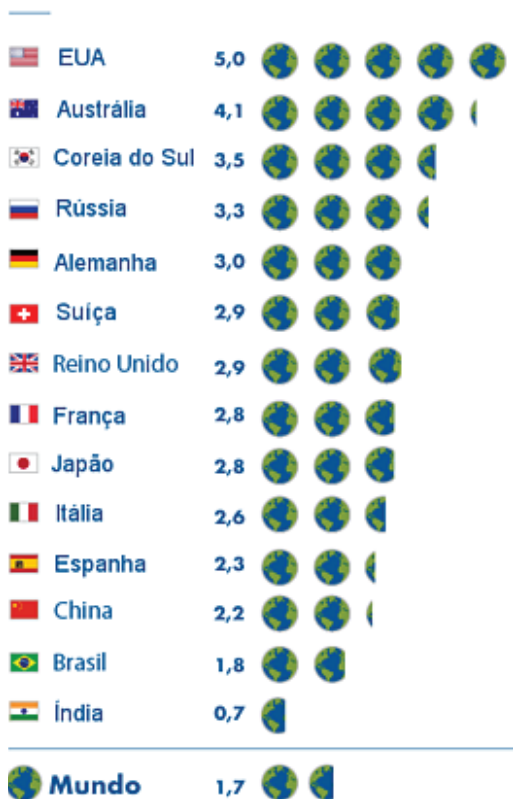
baseado na injustiça social e na sobreposição de direitos de uma minoria sobre uma imensa maioria, é o que embasa a reflexão aqui proposta. A relação entre opressores e oprimidos não se limita a ferir mortalmente os dois terços da humanidade que não têm acesso a condições de vida digna, mas também a Terra, igualmente oprimida, saqueada, destruída. Analisar sob este ponto de vista nos possibilita perceber a Terra como um grande oprimido, a inclui entre os “esfarrapados do mundo”, citados por Paulo Freire na introdução do livro *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 2003).

Segundo publicação recente da [Global Footprint Network](#), organização internacional de pesquisa, a humanidade está consumindo os recursos naturais com velocidade 1,7 vez mais rápida do que os ecossistemas do planeta conseguem repor. Estamos superando, em muito, a capacidade de regeneração dos produtos que retiramos dos ambientes naturais para promover o bem estar de uma minoria da humanidade, muitas vezes para suprir desejos supérfluos, baseados em “necessidades” intencionalmente criadas com fins exclusivamente econômicos. Estamos, em ritmo cada vez mais acelerado, esgotando ecossistemas fundamentais para a manutenção da vida na Terra.

O bem-estar de alguns/as tem comprometido a vida de todos/as.

As desigualdades são alarmantes quando analisamos as diferenças entre os diferentes países:

De quantos planetas precisaríamos se todos vivêssemos como...



FONTE: GLOBAL FOOTPRINT NETWORK CUENTAS NACIONALES DE HUELLAS, 2018

É enorme a diferença entre o consumo praticado pela população dos treze países mais ricos do mundo e todos os demais. Milhões de pessoas precisam ter acesso a bens de consumo que lhes garantam condições dignas de vida, enquanto outros/as tantos/as precisam mudar drasticamente seus hábitos para que a vida na Terra não seja inviabilizada.

Justiça social e sustentabilidade caminham juntas, são partes de um mesmo organismo.

Mas a que concepção de “sustentabilidade” me refiro? O conceito de sustentabilidade adotado aqui não tem por base uma estratégia para evitar o esgotamento dos “recursos” naturais necessários para a manutenção do lucro de grandes empresas, onde água, solo e florestas não passam de “mercadorias” que, ao se esgotarem, comprometerão os lucros e a viabilidade financeira de empresas. Refiro-me a sustentabilidade na perspectiva do mestre e educador popular Carlos Rodrigues Brandão, quando diz que:

“Sustentabilidade opõe-se a tudo o que sugere desequilíbrio, competição, conflito, ganância, individualismo, domínio, destruição, expropriação e conquistas materiais indevidas e desequilibradas, em termos de mudança e transformação da sociedade ou do ambiente. Assim, em seu sentido mais generoso e amplo, a sustentabilidade significa uma nova maneira igualitária, livre, justa, inclusiva e solidária de as pessoas se unirem para construir os seus mundos de vida social, ao mesmo tempo em que lidam, manejam ou transformam sustentavelmente os ambientes naturais onde vivem e de que dependem para viver e conviver”. (Brandão, 2008, p.136)

Tendo como referência esta concepção de sustentabilidade, o respeito à vida humana e ao ambiente físico se somam, compõem uma mesma unidade, orgânica, viva, cujo equilíbrio é o objetivo a ser almejado. O manejo sustentável dos ambientes naturais, o respeito à vida em todas as suas formas, soma-se aos direitos humanos e sociais.

Paulo Freire escreveu que “a opressão, que é um controle esmagador, é necrófila. Nutre-se do amor à morte e não do amor à vida” (Freire, 2003, p. 65).

Nessa perspectiva, é possível afirmar que o atual modelo socioeconômico nos oprime a todos, humanidade e planeta. Analisando sob este ponto de vista, a relação entre opressor e oprimido, apontada por Paulo Freire, inclui a relação entre a sociedade atual e toda a vida existente na terra.

A natureza vem sendo reduzida a recursos, a commodities ambientais, a bens de consumo. Os solos, as águas, as florestas e os animais têm sido colocados “a serviço” da sociedade de consumo, assim como pessoas têm sido compreendidas como “recursos humanos”, instrumentos para a geração de lucro, tendo seus direitos humanos e sociais frequentemente questionados ou desconsiderados. A exploração de uma imensa maioria de seres, humanos ou não, tem garantido vida digna a uma minoria que, arraigada ao seu modo de viver, não admite rever valores e hábitos. Como que entorpecidos, seguimos em frente, sem mudar o rumo, mesmo cientes de que caminhamos para um precipício.

Seguimos esgotando elementos da natureza e contribuindo para o aviltamento das relações trabalhistas por meio da competição acirrada entre produtos com origens geográficas das mais variadas e contextos políticos e socioeconômicos absolutamente diferentes. Consumir tem sido o lema. A obsolescência programada é um fato com o qual convivemos passivamente, ou seja, produtos têm sua vida útil intencionalmente curta, para que novos modelos sejam adquiridos. Como resultado temos o esgotamento de “recursos” naturais sendo acelerado, solos, água e ar sendo contaminados mais rapidamente, depósitos de rejeitos se multiplicando, uma grande parcela da população se endividando e, em contrapartida, uma minoria tornando-se cada vez mais rica.

Segundo Paulo Freire, no livro *Pedagogia do Oprimido*, para os opressores,

“tudo o que não seja seu direito antigo de oprimir, significa opressão a eles. Vão sentir-se, agora, na nova situação, como oprimidos porque, se

antes podiam comer, vestir, calçar, educar-se, passear, ouvir Beethoven, enquanto milhões não comiam, não calçavam, não vestiam, não estudavam nem tampouco passeavam, quanto mais podiam ouvir Beethoven, qualquer restrição a tudo isso, em nome do direito de todos, lhes parece uma profunda violência a seu direito de pessoa (...) Para eles, há só um direito – o seu direito de viverem em paz, ante o direito de sobreviverem, que talvez nem sequer reconheçam, mas somente admitam, aos oprimidos”. (Freire, 2003, p 45)

Terra e Humanidade têm sido oprimidas pelo atual modelo de desenvolvimento socioeconômico, pelos valores que têm orientado nossa sociedade. Reverter essa situação é uma premissa para viabilizar a vida com qualidade. Nesse sentido, enquanto educadores e educadoras, precisamos aprofundar conhecimentos e promover reflexões sobre as questões socioambientais específicas dos territórios onde atuamos. É fundamental que sejam ocupados os espaços de participação social existentes, buscando contribuir para a construção de políticas públicas que favoreçam a existência de uma sociedade mais sustentável, mais justa social e ambientalmente. Precisamos conhecer a realidade, problematizá-la e identificar possibilidades de transformá-la.

*“(...) A educação problematizadora, que não é fixismo reacionário, é futuridade revolucionária. Daí que seja profética e, como tal, esperançosa. Daí que corresponda à condição dos homens como seres históricos e à sua historicidade. Daí que se identifique com eles como seres mais além de si mesmos, como seres que caminham para frente, que olham para frente; como seres a quem o imobilismo ameaça de morte; para quem o olhar para trás não deve ser uma forma nostálgica de querer voltar, mas um modo de **melhor conhecer o que está sendo, para melhor construir o futuro**. Daí que se identifique com o movimento permanente em que se acham inscritos os homens, como seres que se sabem inconclusos; movimento que é histórico e que tem seu ponto de partida, o seu sujeito, o seu objetivo. **O ponto de partida deste movimento está nos homens mesmos.**” (FREIRE, 2003, p.73)*

Na década de 1990, no livro “*Pedagogia da Autonomia*”, Freire escreveu que não é possível existir sem assumir o direito e o dever de optar, de decidir, de lutar, de fazer política. Segundo ele isso nos remete à imperiosidade da prática formadora, de natureza eminentemente ética. Nos leva à radicalidade da esperança. Afirma que a realidade não é inexoravelmente essa. Está sendo essa, mas poderia ser outra e é para que seja outra que precisamos, os progressistas, lutar. (FREIRE, 1996, p. 83)

Alguns anos depois, no livro “*Pedagogia da Indignação*”, publicado pouco tempo após a sua morte, Freire faz um apelo:

Urge que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos mais fundamentais como do respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros

animais, à vida dos pássaros, à vida dos rios e das florestas. Não creio na amorosidade entre homens e mulheres, se não nos tornamos capazes de amar o mundo. A ecologia ganha uma importância fundamental neste fim de século. Ela tem de estar presente em qualquer prática educativa de caráter radical, crítico ou libertador. (FREIRE, 2000, p 67)

Não há como praticar uma educação emancipadora, libertadora, sem construirmos conhecimentos e promovermos atitudes responsáveis social e ambientalmente. Ecologia não é uma “bandeira” cuja defesa seja opcional. Ela é vital.

A ECOPEDAGOGIA

Existem dois documentos importantes que orientam práticas pedagógicas na perspectiva de educação socioambiental abordada nesse artigo. São a *Carta da Terra* e o *Tratado de educação ambiental para sociedades sustentáveis e responsabilidade global*⁵. Ambos são complementares, igualmente pertinentes na conjuntura planetária atual e dialogam com a concepção de ecopedagogia cunhada inicialmente por Francisco Gutierrez e Cruz Prado.

Ecopedagogia é compreendida como uma pedagogia que promove o caminhar com sentido, que promove a reflexão e a tomada de decisões, conscientes, sobre as atitudes praticadas diariamente. Provoca o abandono do “piloto automático” que frequentemente comanda nossos atos nos levando a agir mecanicamente, sem refletir sobre os impactos de cada uma de nossas atitudes em nossas próprias vidas e na vida da Terra. Fazemos escolhas. O tempo todo. Segundo Gutiérrez, caminhar com sentido significa impregnar de sentido as práticas da vida cotidiana e compreender o sem-sentido de muitas outras práticas que tentam se impor. Aqui é possível identificar uma relação muito estreita com a educação problematizadora citada anteriormente. Uma educação que promove “*um modo de melhor conhecer o que está sendo*”, provocando reflexões sobre a realidade social e ambiental do território de vida dos/as educandos/as e também da conjuntura mundial, “para melhor construir o futuro”, ou seja, para transformar a realidade a partir do conhecimento construído. Freire nos ensinou que não conhecemos a realidade para nos adaptar a ela, mas para a torná-la melhor para todos/as.

Formar sujeitos comprometidos com a preservação da vida, que percebem a humanidade como uma grande família integrada ao planeta e sentem-se responsáveis por agir no sentido de tornar o mundo um lugar melhor, não é algo simples, possível de ser conquistado sem que as especificidades de territórios e comunidades sejam consideradas. É preciso ler o mundo mais próximo, identificar potencialidades e desafios, compreendê-los e, em uma estreita relação entre escola e vida, livros e mundo, construir coletivamente possibilidades de intervenção.

Terra e Humanidade compartilham do mesmo destino, são peças de uma mesma engrenagem cujo movimento tem comprometido a perpetuação da vida. A Terra,

5. <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/tratado.pdf>

o maior dos oprimidos, tem sofrido os impactos impostos pelo capitalismo e por tudo o que ele representa.

Como pode existir um crescimento com equidade, um crescimento sustentável, numa economia regida pelo lucro, pela acumulação ilimitada e pela exploração do trabalho? Levado às suas últimas consequências, o projeto do desenvolvimento sustentável coloca em questão não só o crescimento econômico ilimitado e predador da natureza, mas o próprio modo de produção capitalista. (Gadotti, 2008, p. 53)

Concluo, ressaltando que as injustiças sociais e os crimes ambientais praticados recorrentemente não podem ser motivo de desânimo, mas de desafio. E desafiados, devemos seguir juntos/as, construindo estratégias para transformar a realidade.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo, 1996. *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. São Paulo: Ática
_____, 2017. *Saber Cuidar: ética do humano, compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues, 2005. *Aqui é onde eu moro, aqui nós vivemos: escritos para conhecer, pensar e praticar o município educador sustentável*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente.

_____, 2008. *Minha casa, o mundo*. Aparecida: Idéias e Letras

FREIRE, Paulo, 1967. *Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____, 1996. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

_____, 2011. *Pedagogia da Esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____, 2003. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____, 2000. *Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP.

GADOTTI, Moacir, 2001. *Pedagogia da Terra*. São Paulo: Peirópolis

_____, 2008. *Educar para a sustentabilidade*. São Paulo: Editora do Instituto Paulo Freire.

GUTTIÉRREZ, Francisco e PRADO, Cruz, 1999. *Ecopedagogia e cidadania planetária*. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire.

SANTOS, Milton, 2000. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. São Paulo, Record.

Carta da Terra. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/CartaDaTerraHistoria2105.pdf>. Acesso em: 1 out. 2018.

Global Footprint Network Cuentas Nacionales de Huellas. Disponível em: <<https://www.wwf.org.br/?66763/Dia-da-Sobrecarga-da-Terra-de-2018-e-em-1-de-agosto>>. Acesso em: 1 out. 2018.